

A Web enquanto força promotora de equidades: o nascimento da narratriz em balanço com o narrador

The Web as an equalities promoter force: the birth of the narratrix in balance with the narrator

Davi Junqueira Marin

Universidade Católica de São Paulo (PPGCOS / PUC - SP - BRASIL)
marin.davi@yahoo.com.br

Resumo

Da antiguidade clássica quando se formam os primeiros narradores orais até aqui, o recente século XX declara definitivamente morto o narrador natural oral com a ascensão da informação e das técnicas mecânicas de reprodutibilidade das narrativas (BENJAMIN) nas vésperas do surgimento da rede mundial. Seja a rede hoje feita de usuários civis comuns ou grandes arquitetos do código eletrônico nesse novo ambiente de comunicação artificial de escala glocal (TRIVINHO), todos rompem paradigmas engessados pelas galáxias de mídia antecessoras (McLUHAN), trazendo em seu bojo uma revolução que todavia engatinha em seus poucos anos em comparação com a ancestral estrutura do narrador (BARTHES, TODOROV) e que, desde tempos remotos mantinha, mesmo que sem querer ou de forma inconsciente, sua platéia muda sem direito à respostas ou sequer à participação no mais simples processo de comunicação instrumental humana. Para exibir esse viés da comunicação enquanto força que também pode ser uma força promotora de igualdade, apontamos que nessa nova mídia existe uma nova forma de escrever e narrar as realidades e as ficções (RICOEUR), mas que o mais importante de tudo isso é a nova presença que não se observava em massa até

Abstract

From classical antiquity when the earliest oral narrators were formed until present times, the late twentieth century declares the natural oral narrator to be dead with the rise of information and mechanical techniques within its electrical or analogical aspects of narrative reproducibility (BENJAMIN) on the eve of the emergence of the new interconnected electronic global network. May the network made up of ordinary civil users or great architects of its electronic code in this new environment of artificial communication in a glocal scale (TRIVINHO), everyone breaks paradigms plastered by the predecessors media galaxies (McLUHAN) bringing in their heart a revolution that nevertheless crawls in its few years in comparison with the ancestral structure of the narrator (BARTHES, TODOROV) maintained since remote times even if unintentionally or unconsciously, its audience changes without the right to answers or even to participate in the simplest process of human instrumental communication. To show this communication bias as a promoting force of equality, we point out that in this new media there is a new way of writing or narrate realities and fictions (RICOEUR), and that the most important of all is the new presence that has not been observed in mass hitherto: it is the presence of female speech, the

aqui: é a presença da fala feminina, da voz das mulheres, do surgimento desse novo narrador que não é um homem em sua humanidade, mas uma narradora. Dessa forma, o presente texto enfatizar o aspecto feminino sobre a escrita das culturas humanas, uma escrita que apesar de ter sido também promovida por poucas mulheres em comunidades antes impressas ou analógicas e elétricas, apenas agora no contemporâneo estão bastante presentes em massa no ocidente inclusive nas escritas científicas acadêmicas ou pela *web* – ou em sua maioria apenas graças à *web* – em comunidades a exemplo da *Wikipedia*, grande portal de conhecimento compartilhado e colaborativo. Assim queremos fazer nascer ou atribuir sentido à um conceito de narrador que possa balizar a cibercultura ao valorizar o fator feminino nos usos e desusos desse instrumento por grupos que nunca antes eram avistados ou percebidos, todos minorizados em suas maiores estatísticas.

Palavras-chave: Narrador popular eletrônico; narratriz; cibercultura.

voice of women, the emergence of this new narrator who is not a man in his humanity, but a woman narrator. Therefore, the present text emphasizes feminine aspects of human cultures writing, a writing that although it was also promoted by few women in communities before printed or analog and electrical media, only now in the contemporary times are quite present in the mass media or to its massive audience in the West, including in academic scientific writings on the web – or mostly just thanks to the web – in communities such as Wikipedia, the great portal of shared and collaborative knowledge. In this way we want to give birth or yet to assign meaning to a concept of narrator that can or may beacon the cyberculture by valuing the feminine factor in the uses and misuses of this instrument by groups that were never sighted or perceived before, all minority in their statistical majorities.

Keywords: Popular electronic narrator; narratrix; cyberculture.

1. Introdução

A comunicação instrumentalizada em nosso contemporâneo define cada vez mais uma nova forma de desenho cultural, especialmente em se tratando de culturas tipicamente urbanas: é a cibercultura, um hábito de consumo de informações e de produtos midiáticos ou midiaticizáveis que consagram as cidades como meio de vida, estilo de vida ou *modus operandi* das multidões (HARDT e NEGRI, 2014; VIRNO, 2013). Fim de todos os êxodos, acabadas as migrações de zonas rurais e campesinatos para a cidade, as urbes estão eleitas, até aqui, como o modelo normal para vida moderna. Nessa toada, passado todo o século XX movido a rádio, a cinema, à mídia impressa que galopou e à televisão para as massas, a *internet* que estava criada em meados dos anos 60 para fins militares ganha uma roupagem mercadológica e passa a ser chamada de *world wide web*, o novo motor da cultura que em tradução livre para nossa língua portuguesa estaria muito próximo de uma *teia de enredamento mundial*. Desde os finais desse mesmo século XX até essa década de novo século e novo milênio, o cidadão comum que consumia inerte e passivamente toda uma programação a que lhe era teoricamente destinada, alternada com generosos e bem produzidos anúncios publicitários, o outrora espectador, a audiência – a platéia¹ – é transformada em usuário navegante de uma rede mundial *on line* de computadores interconectados de acesso global (TRIVINHO, 2012) *real time*.

O grande espectro do capital (MARX, 2012) ganha sua voz definitiva nas multidões que, ainda que dentro ou a partir de um discurso de promoção de liberdades e de emancipação política, acabam por

¹ Anotamos aqui o uso do termo *platéia* como referência proposital à Platão, o para sempre eternizado precursor orador narrador diante de sua audiência, de seus ouvintes, de sua *plateia*.

aderir em massa ao *modus operandi* desse mesmo espectro. Assim, ainda que através de um produto que é consumido, o chamado internauta usuário da *web* traz, sem querer, novas configurações para questões antigas e há séculos ou milênios engessadas em formas, em conteúdos e mesmo em conceitos.

Dessa forma, o que trazemos através de uma releitura acerca de conceitos de narrador (BENJAMIN, 2012; BARTHES, 2001; GENETTE, 2015; RICOEUR, 2016; TODOROV, 2017) é, na verdade, não apenas uma reformulação ou releitura, mas uma completa reciclagem de hábitos de comunicação que trazem, enquanto força inovadora, justamente a possibilidade real de distribuição de equidades traduzidas nesse totalmente novo paradigma: no processo de comunicação estabelecido desde muito tempo, a democratização da fala instrumental de grupos e de minorias que até aqui sequer tinham acesso ou emitiam qualquer sinal começam a vislumbrar para si enquanto corpo de uma coletividade uma nova possibilidade, a possibilidade de contar sua própria história. A platéia que se transformava em leitores, depois em público, em audiência ou telespectadores – fossem eles poucos privilegiados ou uma multidão consumidora de programas de mídias massificadas – agora saem de sua sombra muda e emitem seus primeiros sinais. A primeira novidade é a fala da mulher, que desde a antiguidade nunca obteve seu *status* de contadora da história, de narradora. Também a fala de pobres, de negros, de homossexuais, de comunidades transgênero, exilados e imigrantes, enfim, o acesso ao instrumento que midiatisa a fala de um e a remete para a audiência de muitos está consagrada em poucos anos de existência como sendo o grande novo espelhamento ou arquiteto da cultura.

Instrumento que artificializa a fala humana que antes era de uso exclusivo para a fala do homem, de homens enquanto definidores de humanidade, a *internet* é fruto de uma árvore que há muito tempo vem sendo cultivada: é a Galáxia de Gutenberg (McLUHAN, 1972), primeira grande galáxia de mídia que, a partir da reinvenção ou aperfeiçoamento de técnicas de impressão transformadas em prensas mecânicas com tipos móveis de chumbo, marca para muitos o início do capitalismo no surgimento do livro impresso de forma industrial e repetitiva. Com o livro, a mídia gutenberguiana dá início à sedimentação e à cristalização do pensamento linear, potencializado pela linha impressa na página, mídia que por séculos vai formatar os sentidos humanos e o pensamento de uma elite cultural e intelectual viciada na visão que transforma a leitura do mundo em uma leitura artificializada, substituindo paulatinamente a percepção áudio tátil do mundo que rompe aos poucos com seus tribalismos e evolui agora apenas juntamente com sua tecnologia e com seus progressos. A partir daí, a comunicação humana inicia seu viés de ciência enquanto ciência instrumental, definidora da cultura onde se insere, desenhando as esferas de debates públicos e privados (HABERMAS, 2016). Mesmo diante das críticas, uma nova tecnologia sempre é vendida sob o manto da equidade e da promoção de igualdades: difusão de conhecimentos antes restritos a poucos, colaborativismos, enfim, a propaganda também é antiga e sempre se reveste com novas roupagens tecnológicas que justifiquem sua manutenção e a manutenção de suas ideologias. E com o livro não foi diferente.

Assim, o que fica artificializado – principalmente a partir do livro – é aquele que morre em sua natureza original, natural: o narrador oral cede seu lugar à narrativa impressa através da galáxia tipográfica que faz surgir novas formas e formatos narrativos, fazendo evoluir o ponto de vista daquele que conta a história, daquele que a escuta e mesmo das próprias personagens envolvidas nas tramas (RICOEUR, 2016) e que também evoluem graças aos novos suportes tecnológicos. A saída da Idade Média assiste o surgimento da literatura e já na Idade Moderna a Europa difunde por todo o mundo suas diversas formas de romance que de década em década e de um século a outro continuam a trazer evoluções

sobre o ponto de vista e sobre a própria trama narrativa em si, o enredamento. A figura do narrador ganha nova complexidade e passa a integrar debates filosóficos ao mesmo tempo em que faz reviver questões da antiguidade clássica das oralidades desde Aristóteles e Platão, mantendo vivas e acesas as chamas sobre o que vem a ser a transposição do fato, do *mýthos*, das verdades sobre o mundo e sobre a história. Começam a surgir aí as fissuras (GREIMAS, 2002) entre o que podemos chamar hoje de narradores ou narrativas populares, orais, e as narrativas artificiais, promovidas por narradores que agora passam a ser chamados de escritores. A antiguidade clássica em que grandes oradores filósofos narradores eram acessíveis a qualquer pessoa pelas ruas e pelas praças, fica excluída a partir dessa nova realidade ditada agora pelos livros impressos. Esse movimento perdura até aqui, século XXI movido à conexões *wi fi's*, atravessando os séculos antecessores que, mesmo evoluindo suas técnicas artificiais de reprodução da fala humana, manteve a atuação de seu *modus operandi* no tratamento com aqueles que se colocavam cada vez mais como populares, transformados desde aquela antiguidade em que eram ouvintes do natural à massa de manobra, público espectador do artificial, iludidos pelas técnicas de publicidade exposta em intervalos comerciais pelas redes de televisão, pela diagramação impressa ou pelas estratégias embutidas nos discursos e narrativas cinematográficas ou jornalísticas.

2. O conceito de narrador²

A questão que une a todos desde a antiguidade clássica até aqui e que só hoje e apenas hoje se revela como uma grande quebra paradigmática para o novo milênio, é a voz feminina. Embora endeusada pelos antigos e idolatrada em alguma medida por todas as culturas, nunca antes na história da humanidade a mulher teve tanto poder de fala e pode exibir seu ponto de vista sem medo ou sem problemas. Ainda que engatinhando nessa nova era *high tech*, a voz do feminino alavancou também outras vozes, falas de excluídos secularmente a exemplo dos negros ex-escravos do novo mundo e na Europa, as minorias homossexuais e homoafetivas, os transexuais e transgêneros, imigrantes em novos países e os excluídos de toda classe, trabalhadores que levantam hoje suas vozes contra seus patronatos com mais velocidade e facilidade que nunca.

Esse fato que facilmente se observa hoje nas redes, essa exposição de muitas vozes em suas multiplicidades co-existem hoje sem um aparato conceitual que dê conta da mudança de paradigmas em sua amplitude. Muitas vezes refletida em uma simples questão de gênero que representa um salto social em relação à toda história humana na Terra – uma história machista e paternalista – que desde sempre tem sido contada por seus homens em todas as suas versões, começa a permitir outras vozes, ainda que sem mudar completamente de mãos ou definir de vez novos rumos para velhas questões. O conceito de narrador ou mesmo de orador são conceitos ainda antigos provenientes de um tempo de narradores clássicos ou defasados em relação ao eletrônico mesmo se levarmos em conta os conceitos mais contemporâneos analisados pela literatura, pela semiótica, pelo mundo das letras, enfim, conceitos ainda na esteira da Galáxia de Gutenberg (McLUHAN, 1972) que se fazem herdar pelas narrativas elétricas ou analógicas mantendo a linearidade e a obsessiva importância extremada dos sentidos da visão. O narrador sempre foi homem, a voz narrativa, as escritas, as escrituras, os evangelhos, a Bíblia, o sacerdócio, a oratória, os grandes autores e poetas, os grandes cientistas

² **Narrador/ Narratário** s.m. FR. *narrateur/ narrataire*; INGL. *narrator/ narratee*. Quando o destinador e o destinatário do discurso estão explicitamente instalados no enunciado (é o caso do “eu” e do “tu”), podem ser chamados, segundo a terminologia de G. Genette, narrador e narratário. Actantes da enunciação enunciada, são eles sujeitos diretamente delegados do enunciador e do enunciatário, e podem encontrar-se em sincretismo com um dos actantes do enunciado (ou da narração), tal como o sujeito do fazer pragmático ou o sujeito cognitivo, por exemplo. Destinador/ Destinatário, Actante, Debreagem. (GREIMAS, 2016, p. 327)

escribas do conhecimento, o jornalismo já no século XIX e XX, os grandes diretores de cinema e mesmo os atores e cantores: a esmagadora maioria do que podemos chamar de narradores ou mesmo os actantes (COURTÉS e GREIMAS, 2016) de seus narradores são homens.

O narrador sempre foi uma figura em carne e osso, um homem que lastreava a cultura através de sua fala por onde passava e por onde se instalava. Orador na antiguidade, sacerdote, viajante, marinheiro ou artesão trovador na Idade Média, a fala de um povo sempre foi transmitida em vias orais. Escrituras, pergaminhos, livros das eras pré-gutenberguianas e tantas outras formas de registro existiram antes das revoluções industriais, de forma artesanal, mas a oralidade e a audição presente no mesmo tempo e no mesmo espaço em que se dava o processo comunicativo sempre foram a regra, a norma. A conversa (TARDE, 2005) sempre definiu as tradições e as culturas. Conversas oficiais, informais, conversas cantadas ou poetizadas, o processo comunicativo evoluiu de sua ancestralidade junto com os homens como grande instrumento e ferramenta de sobrevivência e aprendizado.

O mundo antigo definiu a estrutura social em torno do *pater familias*³, o homem que governava o micro e o macro cosmos da sociedade baseado nas relações familiares. O *pater* detinha o poder de fala, intimamente relacionado ao poder jurídico, ou *pater potestas*⁴. O que nos interessa aqui é, de certa forma, observarmos a herança que as culturas no ocidente (que tem definido as novas tecnologias de difusão de informação e de comunicação entre grupos estabelecidos à distância, mídias e formas de registro historiográfico e narrativo) carregam de outros tempos e espaços, de outras culturas que nos serviram de fundação para o que temos hoje em termos de hábitos e de *modus*

3 **Pater familias** (plural: patres familias) era o mais elevado estatuto familiar (status familiae) na Roma Antiga, sempre uma posição masculina. O termo é latino e significa, literalmente, "pai de família". A forma é irregular e arcaica em latim, preservando a antiga terminação do genitivo em -as. O termo pater se refere a um território ou jurisdição governado por um patriarca. O uso do termo no sentido de orientação masculina da organização social aparece pela primeira vez entre os hebreus no século IV para qualificar o líder de uma sociedade judaica; o termo seria originário do grego helenístico para denominar um líder de comunidade. A palavra pátria é derivada desse termo. Pátria relaciona-se ao conceito de país, do italiano paese, por sua vez originário do latim pagus, aldeia, donde também vem pagão. Pátria, patriarcado e pagão tem a mesma raiz. Segundo Joseph Campbell os hebreus foram os primeiros a usar o termo pai para denominar o que até então era a Deusa Mãe ou Mãe Terra, a religião entre os antigos que cultuava a mulher. Ainda segundo Campbell, a convenção do termo entre os hebreus teria origem nas constantes perseguições religiosas e no desterramento que isso acarretava, ocasionando a perda da identidade territorial. (Pater famílias, WIKIPEDIA, 2018)

4 Segundo a Lei das Doze Tábuas, o pater familias tinha vitae necisque potestas - o "poder da vida e da morte" - sobre os seus filhos, a sua esposa (em alguns casos apenas), e os seus escravos, todos os quais estavam sub manu, "sob sua mão". Para um escravo se tornar livre (alguém com status libertatis), teria que ser libertado "da mão" do pater familias, daí os termos manumissio e emancipatio. Por lei, em qualquer caso, a sua palavra era absoluta e final. Se um filho não era desejado, nos tempos da República Romana, o pater familias tinha o poder de ordenar a morte da criança por exposição. O pater detinha o poder de vender os seus filhos como escravos - a lei romana providenciava, no entanto, que se um filho ou filha fosse vendida três vezes, não mais estaria sujeito à patria potestas. O pater familias detinha o poder de aprovar ou rejeitar casamentos para os seus filhos e filhas, contudo um édito do imperador Augusto providenciou que, em caso de negação, tal não fosse feito sem ser por fortes razões. Deve-se notar que os filhos do pater, os filii familias, podiam ser tanto filhos biológicos, como irmãos, sobrinhos e até filhos e filhas adotivos. Na Roma Antiga, o agregado familiar era concebido como uma unidade jurídica e econômica subordinada a uma única pessoa, dotada de um elevado grau de autoridade sobre todos os seus membros - de fato, a palavra latina familia (que é a origem etimológica da palavra portuguesa "família"), significava originalmente o conjunto dos famuli (servos e escravos) vivendo debaixo de um mesmo teto. E a família era considerada a unidade social básica, ainda mais relevante que a gens (clã, casta, grupo de famílias). Além de ser um chefe, o pater familias era a única pessoa dotada de capacidade legal, ou sui iuris. As mulheres (embora nem sempre), os filii, escravos e estrangeiros tinham uma capitis deminutio (literalmente, "diminuição da cabeça", significando uma capacidade diminuída, quer dizer, não podiam celebrar contratos válidos, nem possuir propriedade. Todos os bens e contratos eram propriedade do pater. Uma capitis deminutio significava uma tendencial falta de personalidade jurídica, mesmo existindo algumas restrições: leis de proteção dos escravos e outros incapazes (alguém com uma capitis deminutio), que podiam, em certas circunstâncias, possuir uma quase propriedade pessoal, o peculium. Os patres familias eram, assim, as únicas pessoas jurídicas plenas, mas, devido aos seus extensos direitos (a sua longa manus, literalmente "longa mão"), tinham igualmente uma série de deveres extraordinários: para com as mulheres, os filii e os servus. Somente um cidadão romano, alguém dotado de status civitatis, podia ser um pater familias. Apenas podia existir um detentor de tal estatuto dentro de cada agregado familiar. Mesmo os filii homens adultos permaneciam debaixo da autoridade do pater enquanto este visse, e não podiam adquirir os direitos de pater familias até à sua morte. Legalmente, toda a propriedade que os filii adquirissem era-o em nome do pater, e era este que detinha a autoridade última sobre o seu destino. Aqueles, homens, que vissemos já na sua domus no momento da morte do pater sucediam-no como pater familias sui iuris sobre os seus respectivos agregados familiares. As mulheres, pelo contrário, estavam sempre debaixo do controlo de um *pater familias*, fosse o seu *pater* original, fosse o *pater* da família de seu marido depois de casada. Com o tempo a autoridade absoluta do *pater familias* tendeu a enfraquecer, e os direitos que teoricamente ainda persistiam deixaram de ser evocados e aplicados. (Pater potestas, WIKIPEDIA, 2018)

operandi, falando explicitamente em termos de gênero. A natureza social nos tem sido desenhada a partir de uma herança estritamente masculina: homens que sempre desenharam nossa esfera pública de debates, de poderes, esferas narrativas ou historiográficas (Paul Ricoeur divide a questão com o narrador entre a verdade histórica narrada a partir dos fatos, a que ele chama de historiografia, e a narratologia propriamente dita, versões acerca do que, para nossa cultura de hoje, não passa de *mýthos*: escritas da antiguidade clássica que hoje se equivalem aos romances e as ficções diversas).

Assim, esse poder que detinham e todavia detém os homens, um poder de gênero, poder estabelecido ao longo de séculos e mesmo milênios depois de diversos processos culturais e sociais que não nos cabe aqui destrincharmos a todos – apenas ilustramos pontualmente alguns exemplos – conforme evoluíram as formas instrumentais de transmissão da informação (simples cartas, papiros, documentos, pergaminhos, o correio militar romano, registros em templos, em objetos artísticos, em pedras e *tabulas*) e que se aperfeiçoaram para as massas ou públicos através do desenvolvimento de técnicas de reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 2012) manual e depois mecânicas (o livro impresso, a prensa, a imprensa, e mais tarde as formas elétricas a partir do século XIX: o telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema, a televisão) se transformaram de instrumentos de simples transmissão de informações para instrumentos de comunicação de toda a cultura amplamente falando, substituindo de vez a importância de homens narradores do mundo oral, da antiguidade clássica de falas naturais, por assim dizer, por uma presença artificial a ocupar os tempos e os espaços dos indivíduos através de leituras de textos e imagens impressas em pedaços de papel costurados ou agrupados, grampeados ou dobrados. Dessa forma, o narrador de que estamos falando hoje já não é apenas o homem em sua carne, mas o instrumento do homem: o suporte técnico, a tecnologia de transmissão da informação, de transformação da realidade através de seus debates ou de simples contação de histórias e de propagação de mil e uma formas e formatos narrativos – o livro, o cinema, a televisão, a *web* – tudo isso hoje é o narrador, morto em sua forma ancestral simplesmente oral ou natural mas vivo e ressuscitado em sua natureza instrumental, artificial, mecânica, elétrica, analógica, eletrônica ou digital.

Dia a dia, semana a semana, mês a mês e ano a ano, o poder político da comunicação ao longo dos últimos séculos desde Gutenberg vem sendo ou já está substituído por um gigante que hoje conhecemos de forma bastante sintética e até mesmo simplista por mídia. E durante todos esses séculos, o poder dos narradores esteve apenas transferido de sua presença e de sua autoridade do meio natural oral para o meio artificial instrumental, técnico ou tecnológico. O *pater* ainda é aquele que detém o poder, e o poder conferido a ele se transfere para um poder de fala, poder de comunicação que hoje está expandido para o que chamamos já há algum tempo de indústria cultural (ADORNO, 1977): uma indústria de reprodução dos poderes dos *patres familias*, *patres potestas*. Quem fala é o homem, um narrador. E não existem estudos sobre sequer uma narradora, se é que uma forma feminina do original masculino define ou transfere sua importância conceitual na mudança de gênero em uma simples alternância de artigo em sua etimologia. Epistemologicamente falando, a simples migração de um substantivo para um correlato de gênero na substituição de seu artigo definido não nos parece aqui transferir sua importância devida, parece apenas “tapar” um buraco de uma ausência conceitual que não lhe confere autenticidade ou sequer lhe permite o devido alcance histórico de seu surgimento, importância social e cultural, todavia não mensuradas. Evidente que as mulheres convivem com os homens desde sempre, mas sua presença enquanto poder político ou enquanto evidência a partir de um processo de comunicação, mesmo de tempos orais de antiguidades clássicas até o século XX, poder de narrar um fato, narrar uma história, celebrar sua própria cultura ou definir

os rumos das ciências e das religiões, por exemplo, é algo que pertence ao fenômeno tecnológico contemporâneo.

Desembocando todo esse processo para nossos dias atuais já no deslanchar dessas décadas de século XXI de um novo milênio, a *internet* tornada *web* para uso civil e comercial traz à tona toda uma multidão de crianças meninas, jovens mulheres ou em idade adulta e mesmo na terceira idade que, em sua maioria estatística que são⁵ em relação aos homens, sempre integraram uma estatística das minorias e, sob o ponto de vista do domínio da fala instrumental humana de quem conta a história (as versões do mundo da historiografia e mesmo dos universos fantásticos que tem sido sempre um ponto de vista estabelecido por narradores homens) a presença contemporânea de vozes femininas no processo das comunicações humanas é uma enorme revolução que podemos considerar aqui como um desdobramento natural das revoluções feministas do século XX nas figuras de mulheres ilustres que aos poucos galgaram e construíram seus caminhos até o *main stream*.

Mas a *web*, nessa toada, é totalmente diferente da mídia que vinha sendo estabelecida. É ainda mais libertária e revolucionária, ou assim promete ser ou assim constrói sua propaganda a justificar a necessidade de sua existência enquanto produto, sobre esse ou sobre qualquer outro ponto de vista. Ainda que as corporações já estejam atentas e tenham despertado sua fome capitalista e corporativista sobre a rede, não existem filtros editoriais que barrem as vozes que quiserem se manifestar publicamente pela *web*. O enredamento da teia⁶ está na periferia assim como em seu centro de atenção e poder enquanto poder de emissão de um sinal comunicativo que busca uma recepção, uma audiência, um público, espectadores ou platéias antes de leitores agora também escritores, áudio ou *video makers* de si mesmos, emissores de suas próprias mensagens.

O narrador transcende sua ciência em sua relação com o *mýthos* e compartilha na fragmentada narrativa do mundo seu ponto de vista. O narrador já não é mais apenas emissor, nem apenas personagem ou voz em *off* seja na literatura ou na locução áudio visual: o narrador metamorfoseia sua natureza e hibridiza (CANCLINI, 2015) sua matéria com a matéria do meio ambiente comunicativo, com os usuários e seus dispositivos de conexão.

3. Um novo conceito em contraponto – nasce a narratriz

A partir daqui, sugerimos um conceito que se coloque como contraponto aos conceitos tradicionais de narrador a partir de uma definição de gênero simplesmente, mas que também se torna importante inclusive como forma de apontar que a falta de uma definição dessa mesma questão já no estabelecimento do conceito pode trazer sérias complicações: seja no desenrolar de seu uso ou em como trazer à tona um debate que muitas vezes não está resolvido, seja na própria construção da cultura especialmente quando a tradição dessa arquitetura está alicerçada justamente na diferença de gênero. Se para a história até aqui sempre existiu um narrador, talvez seja agora o momento de definirmos um futuro eletrônico em rede pelos oceanos navegáveis através de uma *web* que enreda a

⁵ Especialmente se somadas às mulheres ficam somados os pobres ou excluídos socialmente e os homossexuais ou transgêneros, entre outras “minorias” como os escravos ou seus descendentes, populações nativas em nações-colônias que desde a antiguidade ficaram subjugados com as mulheres em sua posição inferior em relação ao poder de fala: essa grande massa integraria simplesmente o “feminino” diante do *pater*. Além disso, existem pesquisas e estatísticas de que as mulheres garantem a sobrevivência da espécie humana na manutenção de uma taxa de 51% na estatística sobre o total da população em comparação com 49% de homens.

⁶ Aqui a intenção é mostrar que a rede tem um lado de teia tecida por aranhas que buscam suas presas e que não apenas querem promover a liberdade de expressão e de comunicação: sob a forma de mercadorias pagas ou mantidas por anúncios publicitários, o usuário é feito presa fácil de iscas mercadológicas eletrônicas.

todos a partir de um ponto de vista (RICOEUR, 2016) de uma **narratriz**, uma voz do feminino excluído que desenha seu próprio ponto de vista a partir do uso do instrumento de comunicação mais sofisticado que já existiu.

A *web* tem tudo em suas mãos para que a nova voz do feminino sobre o planeta venha a ser a consciência da *pacha mama*, a *madre tierra*, a mãe terra ancestral que agora fala por todos e para todos em rede, acessível, consciente: uma nova consciência que faz renascer ancestralidades áudio táteis (McLUHAN, 1972), tribalismos perdidos no tempo ainda que instrumentalizados ou metamorfoseados pelo dispositivo e pelo código de acesso glocal. Historicamente, é um pequeno passo depois de tantos séculos de comunicação tecnológica que soube apenas reproduzir a voz de um narrador, ou de grandes homens narradores. Mas para esse novo século de um novo milênio pela frente, já é a natureza vigente nas Américas e pela Europa: mulheres que da noite para o dia se transformam na força motriz da cultura, motores de suas redes, novas locomotivas da história a puxar e carregar seus velhos vagões pelos trilhos desse futuro presentificado de uma conversa *on line real time*, futuro sempre presente da nova comunicação.

Assim, o conceito de **narratriz** – aqui de forma ainda introdutória – traduz uma ausência secular ou mesmo milenar, gênero que desde sempre definiu as relações políticas humanas e antes mesmo sociais, culturais e familiares. O narrar pode ser complexo e merece outras atenções e *découpages*, mas a observação aqui fica para um termo que pode parecer o mesmo que uma simples narradora, mas traz em seu bojo, em sua episteme, uma fundamental diferença: narradora possui seu equivalente masculino ou deriva dele originalmente: é o narrador; mas **narratriz** não. **Narratriz** nasce antes mulher, nasce enquanto voz feminina sobre seu histórico antecessor masculino e não se pode buscar o caminho inverso a partir de **narratriz**: não existe, a partir daqui equivalência. É dizer: o masculino de **narratriz** não é narrador, o masculino de **narratriz** não existe no narrador. Ou melhor ainda dizendo: somente a partir daqui é que encontramos um início de busca de equivalências de forças milenar ou secularmente fora de balanço. Se “a narrativa é o código do narrador” (BARTHES, 2001), então a história a partir daqui passa a ser o código de sua **narratriz**: a nova Galáxia de Zuckerberg (MARIN, 2018) traz a formação não apenas de seu **narrador audiente**, narrador popular eletrônico, mas também sua companheira de rede, parceira de código, a **narratriz**.

A definição de um novo gênero, ou a simples percepção de uma nova e diferente presença nos processos comunicativos fica transferida também para sua respectiva narrativa, suas narratividades, seu código (linguístico, eletrônico, imagético, semiótico, inconsciente, psíquico, intrapsíquico, coletivo ou individual, enfim, as analogias beiram o infinito das metáforas para o que pode ser uma escrita, um texto).

O *Ying* e o *Yang* do processo comunicativo desde sua origem em mundos naturais protopáticos⁷ precisa ser revisto se quiser sobreviver à tecnologia trazida por sua própria herança através dos tempos e dos inconscientes coletivos. A genética da comunicação não pode e nunca quis ser apenas masculina. A fala e sua voz, a tradução dos pensamentos em palavras e em ações nunca foram, nunca quiseram e não podem ser de exclusividade dos homens. Se tudo que está em cima está em baixo, se é assim dentro como o que está fora, se a ciência das consciências que inspirou e serviu de base e sustentação

⁷ Para Rosnay, a “história da comunicação” se estende desde a comunicação entre moléculas e células biológicas até as interações entre organismos e, finalmente, entre seres humanos. (SANTAELLA, 2001, p. 18)

para as ciências modernas de Hermes Trismegistro (ATKINSON, 2018) estiver correta, então é preciso rever os balanços das forças comunicativas que deram início à vida na Terra. *Pacha mama agradece.*

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. (1977) "A Indústria Cultural" em *Comunicação e Indústria Cultural* (org. Gabriel Cohn) - São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- ATKINSON, W. W. (2018) *O Caibalion – edição definitiva e comentada*. São Paulo: Editora Pensamento.
- BARTHES, R. (2001) *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes.
- BENJAMIN, W.(2012) *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- CANCLINI, N. G.(2015) *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp.
- COURTÉS, J. e GREIMAS, A. J. (2016) *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Editora Contexto.
- Engels, F. e Marx, K. (2012) *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Companhia das Letras e Penguin Books.
- GENETTE, G.(2015) *Figuras II*. São Paulo: Estação Liberdade.
- GREIMAS, A. J.(2002) *Da Imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores.
- HABERMAS, J.(2014) *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. São Paulo: Editora UNESP.
- HARDT, M. e NEGRI, A.(2014) *Multidão – guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record.
- MARIN, D. J.(2018) *A Galáxia de Zuckerberg – a formação do narrador eletrônico*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PPGCOS – PUC/SP.
- MCLUHAN, M. (1972) *A Galáxia de Gutenberg – a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional/ EDUSP.
- PATER FAMILIAS. In: *Wikipedia.com* a partir de: Nunes, C. A. [Desvendando a sexualidade](#); Long, G. "Patria Potestas", in William Smith, *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, London, John Murray, 1875, pp. 873-875; "Roman Law" na edição de 1913 da *Enciclopédia Católica* (em inglês), [domínio público](#); Tellegen-Couper, O. *A Short History of Roman Law*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pater_familias. Acesso em 08 set 2018.
- PATER POTESTAS. In: *Wikipedia.com* a partir de: Nunes, C. A. [Desvendando a sexualidade](#); Long, G. "Patria Potestas", in William Smith, *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*, London, John Murray, 1875, pp. 873-875; "Roman Law" na edição de 1913 da *Enciclopédia Católica* (em inglês), [domínio público](#); Tellegen-Couper, O. *A Short History of Roman Law*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pater_familias. Acesso em 08 set 2018.

RICOEUR, P.(2016) *Tempo e Narrativa 2 – a configuração do tempo na narrativa de ficção*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

SANTAELLA, L. (2001) *Comunicação e Pesquisa*. São Paulo: Hacker Editores.

TRIVINHO, E. (2012) *Glocal – visibilidade mediática, imaginário bunker e existência em tempo real*. São Paulo: Annablume.

TODOROV, T.(2017) *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva.

TARDE, G.(2005) *A opinião e as massas*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes.

VIRNO, P.(2013) *Gramática da Multidão – para uma análise das formas de vida contemporâneas*. São Paulo: Annablume.